



EDITORIAL

EI, “PACATO”, ASSIM NÃO DÁ MAIS...

Ô pacato cidadão, te chamei a atenção

Não foi à toa, não

C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia

Dia a dia não

O leitor mais afeito às maneiras acadêmicas certamente deve estar estranhando o fato de esta apresentação ter como epígrafe uma referência não propriamente teórica e sim versos iniciais de uma composição do pop brasileiro (do grupo Skank) lançada perto de meados dos anos 1990.

Não sem razão se poderia objetar que uma introdução de um número de periódico científico universitário da área de educação deveria buscar demarcações temáticas em uma seara, digamos, “mais própria”. No entanto, é preciso responder que, muito embora incomum, a escolha acaba por exprimir frente aos diversos limites de deglutição estética e cognitiva das atrocidades do tempo presente, uma alternativa sintética e acachapante.

De síntese, não obstante, as limitações inerentes ao gênero artístico, os versos expressam elementos que pontuam e ajudam a demarcar o caráter necessariamente aporético do desenvolvimento da “civilização” mundial. Uma rede internacionalizada constituída e tecida pelos fios da forma capital que se põe desde a quadra da canção intensiva e extensivamente de modo incontrastável. Ganhando inclusive ares de modo natural de ser. Nesse sentido, é possível flagrar como nestes mais de trinta anos desde fins do “socialismo de acumulação”, assiste-se a conversão do marasmo e do desespero em alma do tempo. Mais que “espírito”, trata-se de um miasma travestido de pneuma que é inspirado e expirado pela totalidade dos indivíduos como seu ar próprio, como seu meio mais natural. Tal é a emergência do prosaísmo como norma de atuação, produção e pensamento dos seres humanos uma vez a reprodução das relações típicas da propriedade privada capitalista ter se posto como um verdadeiro destino, senão eterno, por certo indeterminadamente infundável.

O prosaísmo que traveste a estreiteza de horizontes em “prudência” na medida mesma em que, ironicamente, torna a repetição impudente e imprudente dos passos ante o precipício o único caminho real da vida. Daí que ser “pacato” diante da trilha sem rumo, do caminho sem eira, seja no fundo visto também como ser “responsável”. Responsabilidade do e para com o capital (e seus estranhamentos característicos) que se apresenta, por conseguinte, igualmente, como dotado de uma “ética” correspondente. A da indiferença individual e da reciprocidade social da excludência.

Nortes do desnorteamento de um caminho de descaminhos que, independentemente de sua aparência de inevitabilidade e eternidade naturais, incomoda a todos e a qualquer um que não apenas se compraza no autoconfinamento do simples estar-aí. Por certo, viver não é, principalmente no caso do humano, simplesmente respirar, até porque mesmo esse suposto metabolismo tão “básico” exprime na sua variedade o feixe de diversidade (afetiva, cognitiva, existencial...) que se elabora humanamente. Assim não

basta nem estar-aí, nem respirar, a não ser como figuração de virtualidades e possibilidades que possam vir a ser ato e realidade.

Por isso, o incômodo emerge, ao menos, quando a rede de compensações tão limitantes quanto expansivas do que Marx uma vez chamou correntes douradas. Um conjunto de coisas, processos e experiências, postos na forma da mercadoria, cujo acesso virtualmente se universaliza uma vez tenha devindo o mais-valor em forma relativa o nomos da produção capitalista. Entretanto, mesmo na vivência mais adormecida de afetos embotados por um excesso, material e formal, que destrói tanto aquele que frui quanto os objetos fruídos, a realidade social insiste, teimosamente, em dar as caras ante aos sujeitos.

Este é, pois, o segundo ponto que se pode ressaltar mesmo na imediata singeleza artística dos versos (pontue-se, evidentemente a singeleza – assim como a plenitude – são determinações de grau, por isso relativas; frente ao que se produziu desde então, os versos de Samuel Rosa e Francisco Amaral soam como pura arte) externam em sua consistência própria de versos o quanto por trás de toda aparente pacatez do dia a dia simultaneamente se vela e desvela a contraditoriedade imanente e inerente à vida do capital. É do próprio cotidiano mundializado do capital que surge na negação da virtualidade de horizontes da transformação social a violência como liame natural pelo qual dos indivíduos aos grupos, das economias ao mundo, tudo e todos no exercício de pressões recíprocas se remetem em interdependência.

Por isso, não há que estranhar com um ar de perplexidade que da interdependência social indiferente e competitiva, das conexões abstratas e pelas abstrações – do valor/mais-valor – passem a eclodir aqui e acolá simultaneamente em diferentes dimensões a instauração da guerra como cotidiano. Certamente, há diferenças específicas entre a conflituosidade, digamos, “normal” do capital e aquela que nos acachapa na agudização dos confrontos e na plêiade de atuações cruentas que dizimam centenas e até milhares em poucas semanas. Entretanto, em termos de parâmetros de reprodução social, a violência, que só parece desmedida quanto tornada multidão de atrocidades, no fundo exprime um conjunto de determinações formais de um modo de produzir e de ser, de viver, que somente se reproduz porquanto trucidado conteúdo e formas concretos em nome da reprodução de sua formalidade abstrata.

Evidentemente, quando a vigência da violência real da abstração da forma capital, a qual converte tudo e todos em sua “representante”, passa a externar-se como comportamento burocraticamente normatizado do campo de batalhas e massacres, não se é mais possível, ao menos, ao limite da saturação da sensibilidade, fazer-se de “pacato”.

A tacanheza da pacatez burguesa se esfuma tanto na expectativa da diária exibição midiática de massacres e genocídios, quanto na angústia objetivamente sentida na expectativa do próximo embate. Dos quase três anos da campanha Russa-OTAN nas cidades ucranianas à prática genocida que se assiste sob o pretexto de “autoproteção” em Gaza, o que temos, no fundo, é a explicitação mais agudizada e inflamada da morbidez da mundialização capitalista. Mundialização que quando de seu conflito inaugural, no brunch militar do Iraque, fez manca porquanto o suposto player europeu já veio ao mundo natimorto, uma vez a recusa britânica de integrar efetivamente o espaço econômico. Assim, em dez anos, o *BrExit* nada mais foi que um fecho de narrativa. Desde então a União “europeia” soçobra na impotência do eixo para lá de problemático constituído por Paris e Frankfurt, sem contar os penduricalhos do Leste Europeu que a

“integram” mais em razão do espelhamento em contrafação entre Wall Street e Xangai tendo Moscou por agente por procuração do “PC” Chinês (leia-se a sigla como quiser, não se furta aqui à piada de poder significar também *personæ* capitalistas).

A explosão de violência sem medida, porque torna e toda qualquer medida de violência divorciada da proporcionalidade, que se assiste especialmente na campanha de limpeza populacional em Gaza, exprime igualmente, num registro bem particular a dinâmica da mundialização do mais-valor valorizado. E isto em uma dúplici dimensão; seja naquela atinente aos interesses imediatos do capital, seja naquela que remete à determinação mais profunda da forma da riqueza que mundialmente se incrementa. Não que a conflituosidade particular e deflagrada pela vigência sem contrastes do sionismo seja uma emergência imediata da perseverança do capital para além de sua utilidade histórica (Chasin). Em particular, este conflito, por óbvio, deita raízes em terras temporais quase antediluvianas. Entretanto, não é possível abstrair que a forma capital em sendo, ainda e terrivelmente, a nota pelo qual se modulam as relações multidimensionais entre as populações humanas traz como resultante inevitável a irresolução permanente de qualquer conflito ou tensão.

E eis porque de nada adiantam as profissões de fé em “saídas negociadas” multilateralmente, uma vez que o capital é o conflito processual entre conteúdos e formalidades em reprodução ampliada, ciclo após ciclo. Seja nas modalidades do wishful thinking da ética ou “do amor” (representadas cada vez mais de maneira tão mais mambembes quanto mais estridentes e pomposas, tais como as vaticanas), seja naquela esnobe e profissional das suntuosas salas da diplomacia, a prática de “enxugar gelo” se desvela em sua inapetência congênita para o enfrentamento real. Soçobram, portanto, em formas de apelo ilusórias e ilusivas. Num único ato a dissimulação da impotência de resolução humana, nos parâmetros do capital, põe os problemas como da seara de indivíduos e afetos, tornando por sua vez as saídas estas mesmas meras simulações de solução (nem mesmo chegam a ser soluções simuladas).

Nunca se trataram as guerras de assuntos de “ódio e amor”, senão na medida em que estes fossem afetos efetivos, proativos e mediadores de aniquilação; figuras de uma dada “técnica”. Nem que seja da técnica da produção da morte. Por esse motivo, de nada adiantam apelos vagos à “humanidade”, porque o capital em expansão é hoje a humanidade como tal..., ao menos, em um de seus modos históricos.

A humanidade mesma é que cabe ser reelaborada em sua prática essencial de produzir e de se autoproduzir em escala de interdependência mundial. Neste sentido, nunca dantes talvez se necessite tanto de uma revisitação séria do que o pensamento marxiano entendia realmente por modo de produção.

Não se trata de “redução ao econômico”. Fórmula bárbara de desentendimento da determinação objetiva dos modos de se objetivar da vida humana em relação àqueles pelos quais este viver encontra expressão. Uma vez que só o vivo pense e só se viva humanamente num conjunto humano, nada há de redutor em que o pensar em todas as formas possíveis deste ato interno e expressivo tenha como material se expressão o viver em comum dos homens. Nada mais a esperar que o amor ao ódio seja, portanto, a forma ideal do sentir pelo outro quando o outro somente é uma necessidade meramente externa e competitiva de realização do valor/mais-valor da minha mercadoria.

Este afeto qualquer neófito do mercado de trabalho sente na pele, principalmente, quando o que se tem sob a pele é exatamente a única mercadoria disponível. Daí a que

a carência pelo outro seja inevitavelmente atravessada pela contradição constitutiva da sociabilidade do equivalente, da superfície do mundo do capital.

Nota bene, não se nega aqui nem a possibilidade nem o carecimento de uma equação que faça parar a produção da morte em larga escala, mesmo na ambiência da estreiteza humana do capital. Por um lado, evidentemente, há que se buscar algum equacionamento que ao menos suste ao assassinato em massa que está em curso. Porém, por outro lado, sem que isso faça produzir a aparente calma diplomática que abstrai a determinação da mundialização do capital em um mero “fator econômico” ou que ainda se o transmute discursivamente numa imensa coleção de “interesses” “imperialistas” dispersos. Sem meias-palavras: no limite, não há uma solução real de nenhum conflito ou descompasso sem que os termos do capital sejam estes mesmo abolidos.

O que está em curso, é, antes de tudo, uma resultante da processualidade mundial do capital e das formas de capitalização que atravessa literalmente todos os problemas. É esta então um travejamento, uma parametrização em reprodução escalar mundial que traduz em valores o valor valorizado como determinação abstrata da vida humana.

Trabalho&Educação, porquanto pretenda que o dístico que a nomeia seja mais que um nome intenta sempre trazer para a cena do debate a lucidez conceitual e teórica como orientadora do afeto. Uma vez que, como já o salientava Aristóteles, os afetos, nem sendo por si viciosos ou virtuosos, são o que nos movem.

Mas para onde se darão os movimentos?

Aqui, não se tem como se ser mais aristotélico, uma vez que cientificamente não é possível mais se fiar em que a virtude possível esteja de antemão cravada na physis. Há, pois, que a encontrar não no sendo eterno do que foi, mas exatamente naquilo que pode ser.

Os ventos da poesia do futuro precisam nos carregar! Não mais como a brisa fugaz e enganosa da utopia. Na antítese disso, antes, como identificação dentre os elementos não mais que virtuais do nosso ir-sendo, outros tantos modos humanos, bem melhores, de continuar a vir-a-ser.

O que são as elaborações teóricas provenientes do tateio cientificamente adequado do que é, outra coisa senão pistas do que pode ser? É esta a significação social objetiva do conhecimento que artigos acadêmicos trazem inscrita em si. Cabe, pois, desencavá-la dos dados e argumentações. Tal é o esforço de pensar a si e a todos também pela possibilidade de um porvir efetivamente humano, que mais uma vez, no presente número *Trabalho&Educação* convida a todas as pessoas que se propuserem a conhecer a algo e por isso, também, a pensar por conta própria (Marx).

Que o próximo ano não seja apenas um tempo “novo”, mas que sejam humanamente novas as sendas que possamos trilhar. Em suma, que seja igualmente tempo futuro.

Antônio José Lopes Alves Alves¹

¹ Professor do Colégio Técnico e do Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), ambos da UFMG. Doutor (UNICAMP) e Mestre (UFMG) em Filosofia. Membro do Grupo de Pesquisa Marxoogia: Filosofia e Estudos Confluentes. Membro titular do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG. E-mail: filosofiaposfae@gmail.com